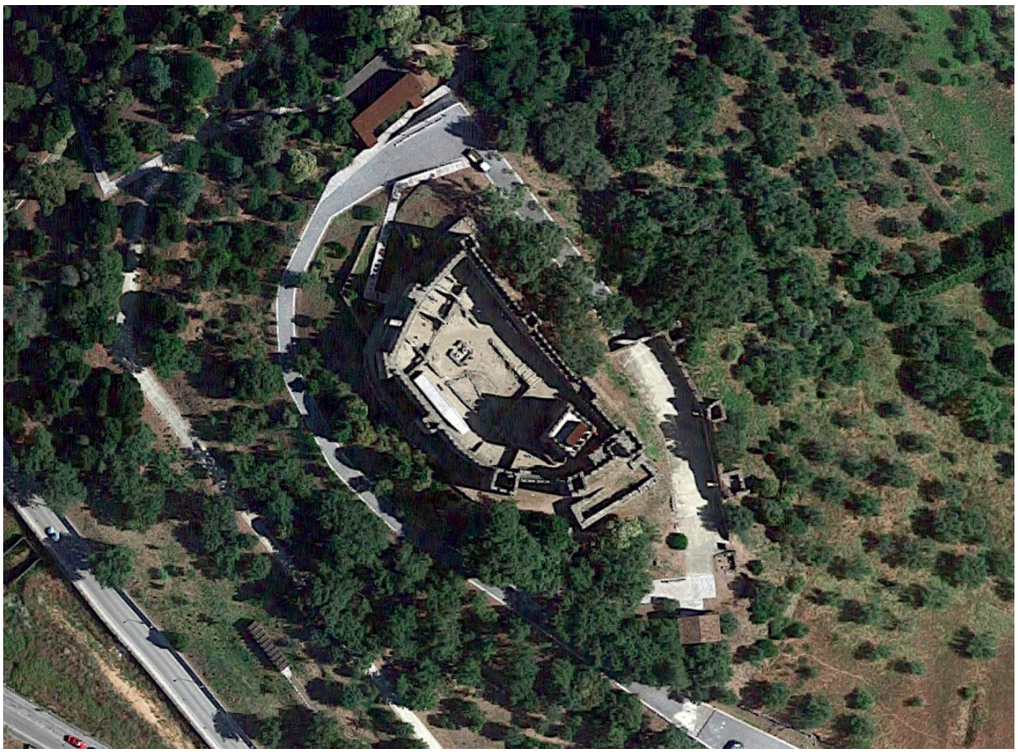
POMBAL
(Pombal)

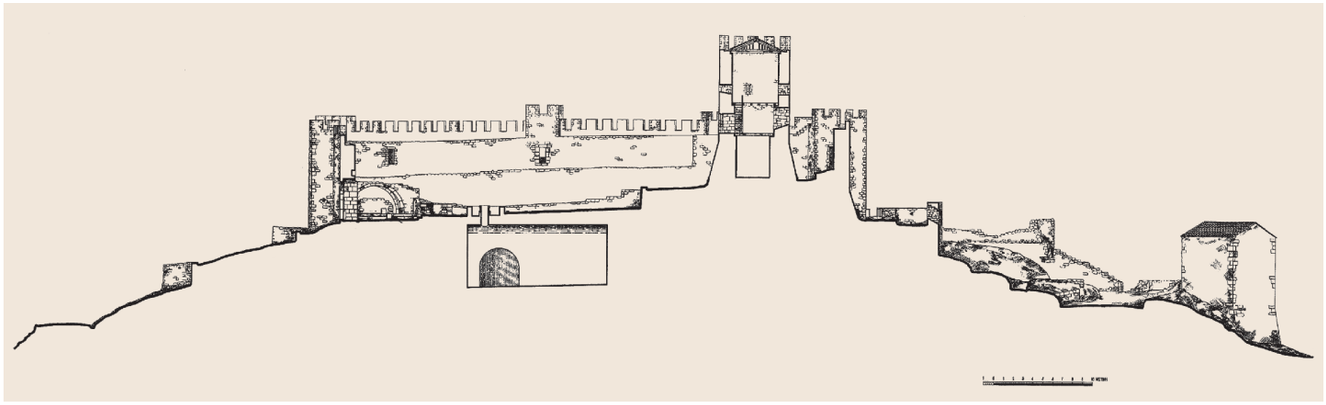
A maneira mais direta para alcançar Pombal é optar pela autoestrada A1, abandonando-a na saída 10, sinalizada precisamente para Pombal. A partir daqui tome a N237, que faz a ligação entre a autoestrada e a cidade de Pombal. Siga por esta estrada até alcançar o Jardim Marquês de Pombal, na zona sul da cidade. Aqui não terá dificuldade em encontrar o caminho para o castelo, construído na mais destacada colina da cidade, um pouco a sul do jardim.

Castelo de Pombal

A região de Pombal conheceu, naturalmente, ocupação desde épocas remotas. No entanto, as origens da vila, hoje cidade, encontram-se umbilicalmente relacionadas com a Ordem do Templo e o seu primeiro mestre em Portugal, D. Gualdim Pais. Com efeito, a zona de Pombal localizava-se a sul dos domínios de Soure, que os Templários receberam, em 19 de março de 1128, das mãos de D. Teresa e que lhes foram, depois, novamente outorgados por D. Afonso Henriques, em 14 de março de [1129-1130]. Para além de Soure, esta doação comportou ainda as povoações de Ega e Redinha. Mas a zona de Pombal não devia integrar o espaço doado desde o momento inicial. A pressão militar templária permitiu que o espaço se fosse alargando para sul. Por volta de 1156, D. Gualdim Pais regressou de uma estadia de cinco anos no Próximo Oriente, realizada no âmbito da II Cruzada (onde participou na conquista de Escalona e na defesa de Antioquia). Uma das primeiras medidas que tomou foi, precisamente, iniciar as obras de edificação do castelo de Pombal. Durante muitos anos o arranque destas obras foi objeto



Castelo de Pombal. Vista aérea (Google Maps. Imagens ©2023 CNES / Airbus, IGP/DGRF, Maxar Technologies, Dados do mapa ©2023)



Corte longitudinal do castelo (Plano DGEMN/SIPA-DGPC)

Planta



de discussão. Mas o foral de 1174, que Gualdim Pais outorgou aos habitantes de Pombal, esclarece o problema quando regista: *Facta firmamenti karta a constructione opidi anno decimo octavo mense iunio. Era milesima ducentesima XII^a^*. O foral de junho de 1174 foi, portanto, assinado no 18º ano depois do início da construção do ópido ou castelo, o que remete a sua fundação para o ano de 1156. Esta informação concorda com uma referência, exarada numa inquirição particular de [1183-1185], em que várias testemunhas, entre as quais o presbítero Cipriano, declaravam que a região de Pombal tinha sido conquistada pelos Templários oito anos depois da conquista de Lisboa, ou seja, por volta de 1155.

A construção do castelo teria secundado em um ano esse controle militar deste espaço setentrional. As primeiras obras de Pombal devem ter decorrido entre 1156 e 1159. Em 1159 os Templários receberam a doação do território de Ceras e, a partir de 1 de março de 1160, concentraram todos os seus esforços na construção do castelo de Tomar, que absorveu os recursos da Ordem durante uma década. Foi só depois de concluída a obra de Tomar (executada entre 1 de março de 1160 e c. 1169-1170), que os freires se lançaram numa ambiciosa campanha de reforma das suas restantes fortificações. No âmbito desta campanha, o castelo de Pombal receberia uma segunda intervenção, com a construção da torre de menagem. Esta obra seria comemorada por uma extensa inscrição, datada de 1171, onde se lê:

> E(ra) : M : CC : VIIII : MAGISTER ⁝ GALDINVS ⁝ NOBILI ⁝ SIQVI / DEM ⁝ GENERE ⁝ BRACARA ⁝ ORIVNDVS ⁝ EXTITIT ⁝ TEMPO / RE ⁝ AVTEM ⁝ ALFONSI ⁝ ILLVSTRISSIMI ⁝ PORTVGALIS ⁝ RE / GIS ⁝ HIC ⁝ SECVLAREM ⁝ ABNEGANS ⁝ MILICIAM ⁝ IN ⁝ / BREVI ⁝ VT ⁝ LVCIFER ⁝ EMICVIT ⁝ NAM ⁝ TEMPLI ⁝ MILES ⁝ GEROSO / LIMAM ⁝ PECIIT ⁝ IBIQ(u)E ⁝ per ⁝ Q(u)INQ(u)ENNIVM ⁝ NON ⁝ IN ⁝ HERMEN ⁝ VITAM ⁝ / DVXIT ⁝ CVm ⁝ MAGISTRO ⁝ ENIM ⁝ SVO ⁝ CVm ⁝ FRATRIBVSQ(u)E ⁝ IN PLERISQ(u)E ⁝ / PRELIIS ⁝ con(tr)a ⁝ EGIPTI ⁝ ET ⁝ SVRIE ⁝ INSVRREXIT ⁝ REGEM ⁝ CVMQ(u)E ⁝ ASCALONA ⁝ CAPERETVR ⁝ / PRESTO ⁝ EVm ⁝ IN ⁝ ANTIOCHIAm ⁝ PerGENS ⁝ SEPE ⁝ con(tr)a ⁝ SVLDAN ⁝ DE COINE ⁝ DIMICAVIT ⁝ POST ⁝ Q(u)INQ(u)E / NNIVm ⁝ VerO ⁝ AD ⁝ PREFATVM ⁝ Q(u)I ⁝ EVm ⁝ EDVCAVERAT ⁝ ET ⁝ MILITEM ⁝ FECERAT ⁝ REVerSVS ⁝ EST ⁝ REGEm / ⁝ FACTVS ⁝ DOMVS ⁝ TEMPLI ⁝ PORTVGALIS ⁝ PROCVRATOR ⁝ HOC ⁝ conSTRVXIT ⁝ CASTRVM ⁝ PALVmBAR ⁝ THOMAR ⁝ / OZEZAR ⁝ ET ⁝ HOC ⁝ Q(u)OD ⁝ DicituR ⁝ ALMORIOL ⁝ ET ⁝ EIDANIAM ⁝ ET ⁝ MONTEM ⁝ SANCTVM ⁝

Esta lápide, que encerra uma das mais completas biografias de Gualdim Pais e que termina com um elenco

parcial dos castelos da Ordem, seria removida para Tomar por iniciativa do Infante D. Henrique (que deteve o mestrado da ordem de Cristo entre 1420 e 1460), conservando-se, hoje, embutida na parede exterior da Sacristia Velha do Convento de Cristo. Três anos volvidos, Gualdim Pais outorgaria, em junho de 1174, o já mencionado foral de Pombal e, dois anos mais tarde, em abril de 1176, assinaria um novo diploma, precisando melhor alguns aspetos omissos no primeiro documento, sintoma de que a vida quotidiana estava a assumir um crescente dinamismo em Pombal. Isso mesmo transparece da decisão de criar, em abril de 1178, a Comenda de Pombal, autonomizando a região e os seus rendimentos do território de Soure. Na bula *Justis petentium desideriis*, do papa Celestino III, datada de 8 de agosto de 1196, são referidas três igrejas



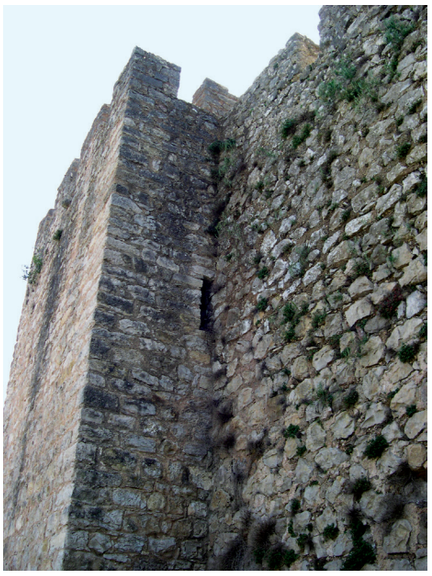
Inscrição de 1171, comemorativa das obras no castelo de Pombal, que o Infante D. Henrique fez deslocar para Tomar

Vista geral do castelo, iniciado em 1156. Perspetiva a partir de sudeste





Porta de entrada medieval, voltada a leste, enquadrada por torreões, com arranque de alambor na base



Pormenor de torreão da muralha norte, com seteira para tiro flanqueado



Pano de muralha norte, segmentado por torreões



Torreão sul e adarve

em Pombal, de novo mencionadas na lista das igrejas do padroado régio de 1220-1229: Santa Maria, São Pedro e São Martinho. A elas acrescentava-se a pequena capela de São Miguel, no interior do castelo de Pombal. A comenda e o castelo mantiveram-se na posse da ordem do Templo até à sua extinção, em 22 de março de 1312. Durante um breve período, os bens dos Templários seriam confiados à guarda da coroa portuguesa. Mas em 14 de março de 1319 foi criada a Ordem de Cristo. A nova organização militar receberia o património dos Templários, conforme nos testemunha a carta de quitação de 20 de novembro de 1319, pela qual D. Gil Martins confirma a receção dos bens entregues por D. Dinis. Estes seriam, pouco depois, estruturados em comendas, por diploma do mesmo D. Gil



Vista geral da Torre de Menagem, erguida por D. Gualdim Pais em 1171



Vista a partir da Torre de Menagem. Torres orientais e restos da Capela de São Miguel



Vista do interior do pátio

Martins, datado de 11 de junho de 1321, no qual já se menciona a Comenda de Pombal. A sua existência prolongar-se-ia até 1834.

O castelo de Pombal não parece ter estado envolvido em grandes acontecimentos militares. Durante o processo de negociação de paz que veio por termo à Guerra Civil de 1319-1324, mediado por D. Isabel de Aragão, D. Dinis recolheu-se no castelo de Leiria e o infante D. Afonso (futuro Afonso IV), acantonou-se no castelo de Pombal. Em 1383 a carta de procuração que os representantes do Concelho de Pombal levaram às Cortes de Coimbra, foi assinada *dentro do Castelo da dicta vila nos Paaços umde pousa o Meestre de Christos*. Em 4 de maio de 1442 D. Afonso V concedeu ao Infante D. Henrique, enquanto *regedor* da ordem

de Cristo, o privilégio de fazer feira franca anual em Pombal, entre 22 de junho e 8 de julho (*aos biij^{o} dias por andar do mês de junho e dure ataa oyto dias andados de Julho*). Por fim, assinalemos que D. Manuel I outorgou foral novo a 1 de junho de 1512. Para o conhecimento do castelo de Pombal são fundamentais duas descrições modernas do castelo, que nos dão conta do seu estado antes da ruina se ter agravado. A mais antiga encontra-se nos Tombos da ordem de Cristo e é uma Visitação de 27 de março de 1508; a mais tardia, datada de 1663, foi realizada no momento em que o castelo e a comenda foram entregues por D. Afonso VI ao Conde de Castelo Melhor. O castelo seria afetado pelo terramoto de 1 de novembro de 1755, que originou diversos desmoronamentos, afetando particularmente a igreja de Santa Maria do Castelo. E foi saqueado pelas tropas do General Massena, comandadas pelo General Ney, em março de 1811.

Erguido na margem direita do rio Arunca, a uma cota absoluta de 114 m, o castelo de Pombal localiza-se 15 km a sul de Soure. A sua construção iniciou-se pelo recinto amuralhado superior, uma estrutura poligonal irregular formada por panos de muralha retilíneos, com um comprimento máximo de 60 m e uma largura máxima de quase 30 m. A porta de entrada foi rasgada na face sudeste da estrutura, enquadrada por dois torreões de planta esquadriada, ambos retangulares. O do lado direito é mais largo que profundo e desenvolve-se para o interior da praça. O do lado esquerdo, abrigando um compartimento interior de planta semicircular, é mais profundo que largo e desenvolve-se no exterior do recinto. Ambos são dotados de seteiras. Antes do restauro da DGEMN, a porta de entrada do castelo apresentava-se dotada de arco de volta perfeita, talvez resultante de intervenção manuelina. A DGEMN decidiu repor como arco quebrado, que hoje ainda se conserva. Na base da muralha é possível detetar-se, nesta zona, vestígios de alambor, quase totalmente encobertos pelo alteamento de cota resultante da construção da barbacã de porta. À mão direita deste ingresso medieval o visitante depara-se com uma longa muralha retilínea, com quase 60 m de extensão. Para facilitar a sua defesa, a monotonia da muralha foi quebrada pela construção de dois torreões intermédios, aos quais se acrescentam os dois torreões das extremas. O afastamento destes torreões, que oscila entre os 10 e os 18 m, revela a preocupação com o alcance de tiro. O mesmo acontece com a implantação das frestas, posicionadas rasantes aos panos de muralha, permitindo a prática de tiro flanqueado. Atingido o limite deste troço de muralha, o circuito inflete para ocidente e depois para sul, com uma série de panos de muralha retilíneos dotados de torrões de plantas esquadriadas (quadrangulares ou retangulares, um deles levemente estrangulado na gola). Ao todo, o castelo de Pombal apresenta dez torreões, todos dotados de compartimentos interiores, nos quais se rasga um número variável de seteiras (entre uma e três).



Pátio. Bocais da cisterna



Estrutura usualmente interpretada como a abside da Capela de S. Miguel, no pátio do Castelo de Pombal



Capitel românico procedente da Capela de S. Miguel

Sabemos que este castelo tinha "porta da traição", como era usual nos castelos que seguiam um modelo românico, e que é mencionada na Visitação de 1508. A maioria dos autores concorda em que ela se devia implantar no local onde, com a reforma manuelina, se abriu uma nova porta, voltada a noroeste. Esta porta manuelina é sobrepujada por um escudo de armas que apresenta o escudo de Portugal entre a esfera armilar (em baixo) e a cruz da ordem de Cristo (em cima). No entanto, a Visitação de 1508 é clara em referir a *entrada principal* (porta sudeste, medieval), a *entrada da porta nova* (a porta manuelina), acrescentando: *e tem outro baluarte atravees da porta da treiçom e chama se o baluarte da redinha*. A porta da traição teria, portanto, outra implantação, distinta da Porta Nova.

No interior do castelo encontramos um pátio estruturado em duas zonas. Na parte mais próximo da entrada original ergueu-se, em 1171, a torre de menagem. Trata-se de uma potente torre de planta quadrada, dotada de alambor nas suas quatro faces e reforçada por dois contrafortes (eles próprios também munidos de alambor) na face voltada a norte. Mede 9,90 x 9,50 m de base (contabilizando-se o alambor) ou 8,20 x 7,50 m (sem contar o alambor). O interior da torre organiza-se em piso térreo (cego, sem acessos a partir do exterior) e dois pisos sobradados, terminando com o adarve. Até há poucos anos o acesso era difícil, senão mesmo impossível. Uma intervenção recente, da DRCC, seguindo projecto do Arquiteto Luís Miguel Correia, criou condições de acessibilidade, implantando, à cota da entrada medieval (de primeiro andar), uma estrutura em ferro oxidado que, apesar de se desenvolver paralela à estrutura, tocando-a o menos possível, não deixa de perturbar a leitura do prospeto principal desta torre de menagem. É junto à torre de menagem que encontramos o único ponto de acesso ao adarve de todo o castelo. Na Visitação de 1508 esclarece-se que *Ao pee da dita torre da menagem tem huua grande estrebaria com suas manjadoiras e junto com ella huua casa armada sobre sesteos e arcos que serve de palheiro*. Dessas construções já não sobrevivem vestígios. Não cremos que tenha fundamento a sugestão, apresentada por Nuno Villamariz Oliveira, de que os contrafortes da torre de menagem fossem os testemunhos sobreviventes de uma muralha interna, que isolaria uma estrutura superior, comandada pela torre de menagem, do restante recinto do castelo.

A nordeste deste primeiro recinto, desenvolvendo-se a uma cota mais baixa, encontramos o pátio da fortificação, onde são visíveis os alinhamentos de várias construções. É formado por três alas de construções que se adossaram às muralhas norte, oeste e sul do castelo, libertando um pequeno pátio, ao centro, com cerca de 22 x 12 m. Nele são visíveis seis pilares quadrangulares, que sustentavam alguma estrutura de alpendre. Ao centro encontramos as duas bocas circulares, pétreas, destinadas à extração de água de uma cisterna subterrânea. Este depósito era servido por um sistema de drenagem de águas pluviais, que se conserva parcialmente. No angulo norte deste pátio encontramos uma pequena abside, construída em pedra e em tijolo, que tem sido identificada como o testemunho remanescente da capela de São Miguel, o templo castral que se documenta desde tempos medievais. No entanto, a maneira como as Visitações de 1508 se referem parece indicar que o pequeno orago tinha uma implantação distinta, mais próximo da torre de menagem: *ao sestra da entrada da torre da menagem estaa huua capeella da jnvocaçom de sam Miguel olivellada e ladrilhada e bem guarnecida e nella huua booa jmagem de pedra bem pintada*. Desta capela românica recolheu-se um capitel (hoje preservado no interior da torre de menagem),

que Manuel Real valorizou quando estudou a flora no românico da "escola lisbonense".

Os compartimentos da ala sul correspondiam, outrora, ao Paço do Comendador, sendo visíveis várias janelas manuelinas, rasgadas à cota do primeiro andar. Uma delas, dotada de mainel central, apresenta o brasão esquartelado com as armas dos Sousa (de Arronches), certamente referência ao Comendador Pedro de Sousa Ribeiro. O castelo de Pombal conheceu uma profunda reforma nos inícios do século XVI, que não só foi responsável pela abertura da nova porta, voltada a ocidente, como pela remodelação dos aposentos dos freires, particularmente os do Comendador. A Visitação de 1508 dá-nos uma boa imagem dos Paços do Comendador, que eram dotados de vários compartimentos organizados em dois pisos e servidos por, pelo menos, quatro lareiras com as suas chaminés. Em 27 de março de 1508 esclarecia-se que *As sobreditas cameras e casas som ora de novo feitas e repairadas aa custa d el rey nosso senhor*.

Passando, agora, para o exterior da fortificação, devemos sublinhar a presença de uma barbacã de porta, dotada de seteiras estribadas, que veio reforçar, no século XIII, a defesa do acesso medieval ao interior do castelo. Esta barbacã não impediria que o castelo fosse munido de uma segunda estrutura – uma barbacã extensa, dotada de torreões quadrangulares, de que sobrevivem alguns testemunhos, os mais monumentais no quadrante norte e leste, junto das ruínas da igreja de Santa Maria do Castelo. Este templo, que foi o primeiro espaço de culto da vila de Pombal, sofreu uma reforma profunda e radical nos meados do século XVI, da responsabilidade de João de Ruão e de Jácome de Bruges. A ruína do templo começou com o terramoto de 1755, quando caiu o sino, se partiu a verga da porta principal e se abriram fissuras nas paredes. E agravou-se com a investida dos exércitos franceses, em março de 1811, comandados pelo General Michel Ney, que semeou a destruição por várias povoações para retardar o avanço das forças anglo-portuguesas e permitir, assim, a retirada do exército do General Massena. A ausência de restauros conduziu à sua ruína definitiva, conservando-se hoje apenas a abside e, a sul desta, a sacristia.

Classificado como Monumento Nacional em 1910, o castelo de Pombal conheceu um restauro promovido pela DGEMN entre 1936 e 1940, concluído a tempo das comemorações do Duplo Centenário. Durante esses trabalhos, e com a remoção de grande volume de sedimentos, apareceram fragmentos de cerâmica, elementos de pavimento e um grande número de numismas (estando referidas moedas romanas, algumas da 1ª Dinastia, bastantes da 2ª Dinastia e, sobretudo, numismas de D. Manuel I). Mais recentemente, o castelo voltou a ser intervencionado pela DRCC, que promoveu a recuperação da torre de mengam (projeto do Arquiteto Luís Miguel Correia, em 2005) e a instalação de um centro interpretativo instalado na zona do outrora Paço dos Comendadores (em 2014).

Texto: MJB - Fotos: CG/MJB
Plano: MF/MS/NB (sobre FSMLR/HA)

Bibliografia

ALMEIDA, A.S.F., 2012; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 146; ALMEIDA, J., 1945, II, pp. 232-234; BARROCA, M.J., 1996-97, pp. 176-177 e 189-191; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 136 (de 1171); BARROCA, M.J., 2001b; BARROCA, M.J., 2001c; BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 157 (de 1171); BARROCA, M.J., 2017b, pp. 147-150; BOISSELLIER, S., 2012, pp. 97 (de 1220-1229) e 176 (de 1320); CORREIA, L.M., 2003, pp. 118-121; DGEMN, 1940c; DIAS, L.F.C., 1961-69, III, pp. 76-78 (de 1512, junho, 1); GIL, J., 1986, pp. 120-123; GOMES, S.A., 1997; GOMES, S.A., 2010, doc. n.º 1 (de [1183-1185]) e doc. n.º 23 (de 1442, maio, 4); LARCHER, J., 1933, I, pp. 181-194; MARQUES, M.A.F., 1986; MON. HENR., I, doc. n.º 15 (de 1196, agosto, 8), doc. n.º 68 (de 1319, novembro, 20) e doc. n.º 73 (de 1321, junho, 11); VII, doc. n.º 215 (de 1442, maio, 4); OLIVEIRA, N.V., 2010, pp. 303-315 e doc. n.º 2 (de 1663), pp. 722-724; PEDROSA, N.C., 2014, pp. 9-24; PERES, D., 1969, pp. 139-146; PMH, LEGES, pp. 398-399 (de 1174, junho) e pp. 404-405 (de 1176, abril); RAU, V., 1943 (1982), p. 149; REAL, M.L., 1982-83, p. 551; ROSAS, L.M.C. e BOTELHO, M.L., 2010, pp. 125-130; SEQUEIRA, G.M., 1955, p. 106; SIPA; TOMBOS O. CRISTO, III, pp. 230-231 (de 1508, março, 27).